

## Migrações prejudicam as crianças

Migração e necessidade de trabalhar desde criança para ajudar no sustento da família são os dois principais motivos, segundo os sociólogos, da existência dos analfabetos.

Para o sociólogo e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Dilvo Peruzzo, famílias inteiras do norte do Espírito Santo migram para outros estados à procura de melhores condições de vida e trabalho, o que faz com que interrompam o processo de alfabetização.

Do mesmo modo, muitas famílias migram para o Estado com o mesmo objetivo das que saíram daqui. São outras famílias que, em sua maioria, não são alfabetizadas ou então são semi-alfabetizadas. Apesar de não haver um estudo sobre o assunto, Peruzzo acredita que esses fatos possam estar fazendo com que o número de analfabetos cresça.

A necessidade de trabalhar desde cedo no campo para ajudar os pais na colheita e também a vida violenta na zona urbana, onde as crianças são obrigadas pelos pais a colaborar com o sustento da família, são outros fatores que contribuem para o crescimento do analfabetismo, segundo o sociólogo.

Na visão da socióloga Cláudia Solares é mais comum o número de mulheres analfabetas ser maior do que o de homens. Isso é explicado porque as mulheres têm a responsabilidade de cuidar dos filhos e da casa, não podendo freqüentar a escola.

Mas Solares informou que esse quadro está mudando: "Apesar das classes sociais mais baixas o número de filhos ser grande e a mulher ter a obrigação de ficar em casa cuidando deles, a consciência está mudando. Hoje a mulher arruma um tempinho para se alfabetizar".

A própria necessidade da mulher trabalhar para ajudar no sustento da casa faz com que ela tenha interesse de se alfabetizar. No Estado o maior número de analfabetos está entre as crianças de cinco e seis anos. São 113.280 crianças analfabetas.

Em seguida vêm as de sete a nove anos de idade, totalizando 84.764 pessoas não alfabetizadas. O terceiro maior número fica com as pessoas acima dos 60 anos. São 73.275 analfabetos. Com relação à população urbana, o maior número está entre as crianças de cinco e seis anos: são 36.833 sem instrução. Já na população rural o maior número está entre as crianças de sete a nove anos, com 44.754 analfabetos.

Esses números decrescem nas faixas etárias de 15 a 30 anos devido às iniciativas das pessoas em se alfabetizarem, informaram os sociólogos.